

A Nova Leitura Literária Infantil e Juvenil no Contexto dos Centros Culturais Multimídiais

Gabriela Luft¹
Tania M. K. Rösing²

Resumo: Este artigo propõe, em uma primeira parte, esboçar as origens da literatura infantil e juvenil que, em seus primórdios, tinha função formadora, ao apresentar modelos de comportamento com a finalidade de reforçar valores sociais vigentes. Após, ressalta-se a importância do redimensionamento da atuação das bibliotecas, de forma que propiciem a consolidação de centros culturais multimídiais, para que bibliotecários, professores e educadores, conscientes de suas funções, priorizem a leitura de textos de qualidade, capazes de desenvolver a capacidade crítica de crianças e jovens. A fim de que sejam apresentados os escritores responsáveis pela atual produção literária nacional infantil e juvenil, o terceiro tópico do artigo aborda quem são esses novos talentos e algumas de suas mais recentes obras, que oferecem uma nova concepção de texto escrito. Afinal, em vez da constante lembrança de escritores consagrados pelo cânone, por que não legitimar novas obras de autores emergentes e reconhecidos pela crítica?

Palavras-chave: Literatura infantil. Literatura juvenil. Leitura. Centros culturais multimídiais. Autores infantis e juvenis contemporâneos.

¹ Mestranda em Letras na área de Estudos Literários pela UFRGS, com bolsa do CNPq. gabiluft@yahoo.com.br

² Doutora em Letras na área de Estudos Literários pela PUCRS. Professora da graduação e da pós-graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo (UPF/RS). Coordenadora do Centro de Referência de Literatura e Mídias (“Mundo da Leitura”) e das Jornadas Literárias. rosing@upf.tche.br

“O livro fantástico e poético, à primeira vista, suscita, ao contrário, a desconfiança: por definição, é visão pessoal de uma só pessoa, re-criação. Ajuda a ver, a escutar. Ajuda a ver, a escutar, a pensar e a viver por si mesmo. [...] Literalmente, ele des-regula. Des-normaliza. E a sociedade prefere sempre quem a tranquilize e confirme sua boa consciência pondo-lhe, dentro dos olhos, a imagem estatisticamente dominante. [...] A literatura fantástica e poética é, antes de tudo e indissociavelmente, fonte de maravilhamento e de reflexão pessoal, fonte de espírito crítico, porque toda descoberta de beleza nos torna exigentes, e, pois, mais críticos diante do mundo”.

Jacqueline Held – O imaginário no poder

1 Sobre as origens da literatura infantil e juvenil

Em recente seminário³, realizado em junho de 2008 em Passo Fundo (RS), Luiz Antonio Aguiar, reconhecido por sua atuação como animador de oficinas de leitura e redação, roteirista de histórias em quadrinhos e escritor de obras infanto-juvenis, realizou a seguinte declaração: “Por cinco anos o livro foi rejeitado por não sei quantas editoras. Eu gosto de dizer isso porque elas afirmavam que não existia uma literatura juvenil. Esta é uma obra para as crianças que já cresceram e querem ler uma coisa legal. Quando foi publicado pela editora FTD, o livro ganhou vários prêmios”. O livro em questão, vítima do adjetivo “rejeitado”, é o premiado *Confidências de um pai pedindo arrego*, publicado em 1994 pela Editora FTD e vencedor, no mesmo ano, do prêmio Jabuti.

A afirmação do escritor é sintomática: por muito tempo, “elas” (no caso, as editoras) desacreditavam qualquer tipo de literatura que não fosse direcionada ao público adulto. Enquanto isso, recordando as palavras do autor, “as crianças que já cresceram e queriam ler uma coisa legal” eram pura e simplesmente ignoradas.

Nesse sentido, um texto que se propõe a discutir literatura infantil e juvenil não pode, de forma alguma, eximir-se da reflexão. Em uma sociedade cuja educação é constante e lamentavelmente

³ Desde 2006, realizam-se em Passo Fundo os “Seminários do Livro do Mês”, em que escritores vêm à cidade debater sobre algumas de suas publicações para um público de universitários, alunos de escolas públicas e particulares e, também, para a comunidade em geral.

preterida, quem se propõe a trabalhar com a literatura destinada a crianças e jovens deve saber, de antemão, que são imensos os desafios. A fim da adoção de novas práticas de leitura capazes de ir ao encontro dos leitores em formação, é imprescindível que professores, educadores, animadores culturais e bibliotecários conheçam os caminhos trilhados pela arte literária destinada a crianças e jovens, a fim de que possam, conscientes dos desafios e das lacunas existentes, tomarem atitudes transgressoras nas práticas leitoras peculiares à sociedade do conhecimento e das imposições tecnológicas. Conforme Regina Zilberman, deve-se ter presente que

A literatura não contraria a velha lei de Lavoisier, conforme a qual nada se cria, tudo se transforma. Ainda que se considere que um escritor é um criador, ele produz uma obra a partir de sua experiência, de leituras e do que esperam dele. Esse ponto de partida é muito amplo, de modo que as variações são infinitas, e as obras bastante diferentes entre si. O escritor dispõe também de grande liberdade, pois, somando experiência e imaginação, ele pode ir longe, inventando pessoas, lugares, épocas e enredos diversificados. Contudo, ele não pode ir longe demais: os leitores precisam se reconhecer nas personagens, há limites para mexer com a temporalidade, e a ação precisa ter um mínimo de coerência. Outra questão é crucial: o leitor também traz algum tipo de experiência, uma bagagem de conhecimentos que precisa ser respeitada, caso contrário se estabelece um choque entre quem escreve e quem lê, rompe-se a parceria que só dá certo se ambos se entendem. (ZILBERMAN, 2005, p. 13-14)

Muitos estudiosos costumam partir do pressuposto de que só se pode, realmente, falar em literatura infantil a partir do século XVIII, época da reorganização do ensino e da fundação do sistema educacional burguês. De acordo com essa linha de pensamento, antes disso não haveria propriamente uma infância: as crianças, vistas como adultos em miniatura, participavam, desde a mais tenra idade, da vida adulta. Não havendo livros, nem histórias dirigidas especificamente a elas, não existiria nada que pudesse ser chamado de literatura infantil. Por este viés, as origens da literatura infantil estariam nos livros publicados a partir dessa época, preparados especialmente para crianças, com intuito pedagógico e utilizados como instrumento de apoio ao ensino: utilizava-se qualquer pretexto para introduzir

algum aspecto gramatical, um fato histórico ou, até mesmo, para fixar algum parâmetro comportamental.

Como consequência natural desse processo, o didatismo e o conservadorismo (a escola, afinal, costuma ser instrumento de transmissão dos valores vigentes) deveriam ser considerados componentes estruturais, por assim dizer, da chamada literatura para crianças. Dessa forma, criava-se um leitor oprimido que, submetido a constantes modelos, testemunhava a lamentável sobreposição do pedagógico ao estético. Em nome de uma moral, a literatura era sacrificada (aqui, cabe um parêntese: infelizmente, até hoje há quem sustente – são poucos, mas existem! – uma visão que vincula a literatura infantil a algo simplório).

Em se tratando de Brasil, a história da literatura infantil tem uma tradição importante, vinda do final do século XIX, na qual, por exemplo, destacam-se nomes como os de Júlia Lopes de Almeida, Francisca Júlia e Olavo Bilac. Algumas características acompanham, desde o século passado, tal produção: o valor que grande parte dos autores deu à cultura popular e à ligação do livro infantil com a escola e com o governo.

Primeiramente, a tendência dos escritores que se dedicavam à literatura infantil ou juvenil era a realização de traduções de obras consagradas na Europa: durante muito tempo, houve uma tendência de se olhar para o exterior em busca de matéria-prima ficcional. Daí, pois, a importância e o pioneirismo de Monteiro Lobato, autor que, no início do século XX, renovou a literatura brasileira ao criar personagens que, até hoje, fazem parte do imaginário de muitas crianças. É impossível falar sobre literatura infantil e juvenil e não inserir, neste quadro, o autor paulista, pioneiro a pensar na literatura infantil enquanto algo que deveria ser estimulado na criança, de modo que ela adquirisse o hábito e o prazer pela leitura, não mais se restringindo à obrigação pedagógica dos livros didáticos.

Após sua última publicação para crianças, *Os doze trabalhos de Hércules*, datada de 1944, alguns escritores já consagrados por seus romances, como é o caso de Graciliano Ramos e Erico Verissimo, também resolveram destinar algumas obras ao público infantil e juvenil. Entretanto, foi somente durante a implementação da ditadura militar no Brasil que se deu o estopim para o florescimento de um novo período para as produções destinadas a crianças e jovens. Muitos daqueles que se profissionalizaram como escritores começaram a produzir

nessa época e continuam, até hoje, a escrever textos de qualidade para crianças e adolescentes: Ziraldo, João Carlos Marinho, Bartolomeu Campos de Queirós, Lygia Bojunga, Joel Rufino dos Santos, Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Marina Colasanti, entre outros.

A década de 1980 marcou a entrada dos ilustradores no mercado, a exemplo de Ângela Lago. Justamente nesse período, os artistas das ilustrações começaram a participar de concursos e exposições internacionais, como Rui de Oliveira, Eliardo França e Regina Yolanda. Assim, o reconhecimento da qualidade estética é um passo decisivo na valorização do gênero infantil e juvenil e na fixação de seu estatuto como literatura.

Textos de teatro também devem ser oferecidos aos leitores/espectadores infantis e juvenis em formação, uma vez que eles nem sempre têm a oportunidade de assistir à representação de uma peça teatral. São textos importantes os de autoria de Maria Clara Machado (*Pluft, o Fantasminha*), a incorporação à literatura brasileira por Chico Buarque de Hollanda do texto do italiano Bardotti, intitulado *Os Saltimbancos, Eu Chovo, tu Choves, ele Chove* (Sylvia Orthof), *O macaco e a velha* (Ivo Bender), *Quem conta um conto aumenta um ponto* (Raimundo Matos Leão), produzidos há várias décadas, mas sempre atuais, entre tantos outros que começam a surgir com a qualidade dramática necessária para a formação de públicos de teatro e de leitores de textos dramáticos. A produção dramática de Alcione Araújo (*A caravana da ilusão*) precisa ser oferecida especialmente aos adolescentes, cujo envolvimento com texto de natureza dramática constitui-se estímulo à ampliação do gosto pela leitura da literatura. Araújo ratifica a importância da leitura de textos para teatro, na imersão do leitor entre os diálogos das personagens em ação:

No singelo exercício de descortinar uma fala, pode-se perceber o quanto o diálogo teatral oculta intencionalmente informações importantes para se entenderem as circunstâncias em que as personagens estão metidas, as necessidades, urgências e emoções que impulsionam a ação e as razões pelas quais as personagens agem. Compreender as razões que levam à ação é iniciar a descoberta da alteridade – a existência do outro, com seus sonhos e desejos, suas singularidades e seus direitos. Um aprendizado que se transfere para a vida real (...) a dramaturgia, na concretude das suas ações, ensina a conviver com a diversidade dos

seres humanos e a divergência dos interesses. (ARAÚJO, 2006, p. 08)

Textos de autores mais contemporâneos como Enéas Lour e Fátima Ortiz têm sido encenados por todo o Brasil: *Ari Areia – Um grãozinho apaixonado*, *Batimpaz*, *Era uma vez outra história*, *Pinha*, *pinhão pinheiro*. Devem estar mais perto das crianças e dos adolescentes para que se envolvam com os diálogos das personagens nas situações criadas. É convicção de Fátima Ortiz:

O teatro que idealizo deve propiciar para as crianças a conexão de tudo o que acontece em cena com a sua realidade objetiva e íntima. Acredito num teatro para crianças onde a ação e o sensível são mais importantes que o verbal explicativo. Acredito num teatro povoado pela música, pela cor, pelo movimento e pelo brilho. Um teatro onde habitem os sonhos, os desafios e as realizações. O silêncio e o jogo. Um teatro simples e profundo onde reine a poesia. Um teatro que busca o equilíbrio do lúdico, do mágico e do real, sendo este último a ponte que une os outros dois. O aprendizado deste equilíbrio é o que me estimula a alimentar e enriquecer o mundo fantástico e criador das crianças. (ORTIZ, 1997, p. 21)

A importância da literatura infantil e juvenil deve ser entendida como a porta de entrada para a construção do simbólico na criança e nos jovens. Para tanto, a leitura dos contos tradicionais, dos contos modernos, das narrativas de escritores da segunda metade do século XX e dos contemporâneos, da poesia infantil e juvenil e de textos de teatro não pode prescindir da qualidade que deve estar contida na literariedade de um texto. Há uma polifonia emergente das vozes das personagens localizadas em espaços reinventados, em tempos indeterminados, através de uma linguagem verbal que sugere sentidos e, por isso mesmo é plurissignificativa. Toda essa complexidade a serviço do desenvolvimento do gosto, da instigação do prazer. As ilustrações complementam o texto, constituindo-se o ilustrador como co-autor desse texto. Em se destinando a crianças, pré-adolescentes e adolescentes inteligentes, tema abordado, a estrutura da narrativa selecionada, a linguagem empregada devem pressupor um receptor/leitor inteligente, capaz de apropriar-se de imagens, de símbolos, de recursos estilísticos os mais variados e de preencher lacunas exis-

tentes nos textos, identificando, inclusive, a complementaridade entre texto verbal e ilustração, valorizando, ainda, a produção editorial. Para essa situação, haverá contribuição decisiva dos mediadores, professores ou pais, que têm a incumbência de selecionar textos para seus alunos/filhos lerem. Nessa condição, é imprescindível que sejam leitores.

2 A literatura infantil e juvenil na perspectiva do novo leitor e da configuração de centros culturais multimídiais

A biblioteca escolar é o local por excelência para se apresentar a leitura como uma atividade natural e prazerosa, posto que, para muitas crianças, configura-se como a única oportunidade de acesso aos livros que não são didáticos. Entretanto, de encontro a um quadro literário tão rico, portador de tão significativas produções infantis e juvenis, às crianças e jovens brasileiros, o acesso ao livro é dificultado por uma conjunção de fatores sociais, econômicos e políticos.

Raras são as bibliotecas escolares que dispõem de um acervo adequado, diversificado e/ou de profissionais aptos a orientar o público. Ainda mais raras são as bibliotecas domésticas. Agrava essa situação o fato de a grande maioria dos bibliotecários, ou dos profissionais que se responsabilizam por bibliotecas, ao lado de um contingente significativo de professores que também não são leitores.

O ideal seria que o bibliotecário, que, entre outras, acumula também as funções de educador e disseminador da leitura, na ocasião de montar ou atualizar seu acervo de obras literárias, realizasse uma seleção capaz de propiciar a crianças e jovens textos de qualidade e questionadores, conquanto lúdicos. Visitas às livrarias, participação nas reuniões pedagógicas reforçando a idéia da necessidade de melhorar o acervo e contatos com a comunidade apontando a biblioteca como centro cultural e não como armazenadora de livros, são algumas atitudes que poderão garantir um aumento quantitativo e qualitativo da literatura infantil e juvenil. Nesse sentido, vale lembrar que, de acordo com Magda Soares, não há como evitar que a literatura infanto-juvenil, “ao se tornar *saber escolar*, se escolarize, e não se pode atribuir, *em tese*, conotação pejorativa a essa escolarização, inevitável e necessária; não se pode criticá-la, ou negá-la, porque isso significaria negar a própria escola” (1999, p. 21).

Por parte da crítica, o ideal seria uma publicação regular com a resenha crítica da produção considerada digna de ocupar a

atenção do público – um encarte semanal em jornais de grande circulação, um folhetim mensal de uma instituição especializada, hoje necessariamente disponível na internet⁴, que, entre seus fins, tivesse a prestação de serviços informativos a pais e professores. Da mesma forma, é de extrema importância que educadores discutam o que é leitura, a importância do livro no processo de formação do leitor, bem como, o ensino da literatura infantil como processo para o desenvolvimento do leitor crítico.

Além disso, o educador deve saber o quanto são importantes sua prática e ação em sala de aula e que sua mediação motivará ou não o aluno à prática da leitura. Segundo Regina Zilberman, “ao professor cabe o desencadear das múltiplas visões que cada criação literária sugere, enfatizando as variadas interpretações pessoais [...] em razão de sua percepção singular do universo representado” (2003, p. 28).

O novo leitor, revelado pela perspectiva do século XXI, além de ter acesso às obras contemporâneas e expressivas do segmento, demanda a configuração e a consolidação de centros culturais multimídiais. Atualmente, ao lado do livro, da revista e das histórias em quadrinhos, devem ser incluídos outros suportes de leitura, tais como a televisão, o vídeo, o DVD, o computador, o *e-book*, entre outros, de forma que o leitor possa adotar uma perspectiva hipertextual no ato de ler, através de uma perspectiva crítica e cidadã. Mais do que isso: além de possuir o hábito de ler, espera-se que o novo leitor desenvolva uma cultura da leitura.

Nesse contexto, em setembro de 1997, instituiu-se o “Centro de Referência de Literatura e Múltiplos Meios – Mundo da Leitura”, laboratório do curso de graduação em Letras e do Programa de Pós-Graduação - Mestrado em Letras do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo (RS), em que se desenvolvem atividades multimídiais de ensino, pesquisa e extensão sobre questões de leitura, dirigidas a mestrandos, licenciandos em geral, alunos e professores do ensino básico de qualquer sistema de ensino, estudantes e professores universitários, bem como a leitores em geral, a fim de promover a leitura, a literatura e o complexo das múltiplas linguagens.

⁴ Desde 2006, a comissão interinstitucional Passo Fundo Capital Nacional da Literatura envia, semanalmente, a leitores das mais distintas regiões, boletins eletrônicos, os quais, além de divulgarem ações envolvendo a leitura, propiciam o contato com novos autores e obras literárias infantis e infanto-juvenis. O(a) interessado(a) em passar a receber o boletim pode enviar um e-mail para boletimjornada@upf.br, solicitando sua inclusão.

Através de visitas⁵ previamente agendadas, no Centro desenvolvem-se práticas leitoras⁶ em múltiplos suportes e em linguagens variadas, destinadas a turmas de educação infantil, ensino fundamental, médio e superior. Os onze anos de existência do Mundo da Leitura, as centenas de visitas agendadas e práticas leitoras multimídiais aplicadas, bem como as incontáveis atividades de ensino, pesquisa e extensão ligadas à formação do leitor, à difusão da literatura e ao universo em que se constituem as múltiplas linguagens, configuram grandes exemplos da bela recepção de jovens autores e obras pelos novos leitores.

Desenvolvem-se no Centro de Referência de Literatura e Multimeios os seguintes projetos/ações: atividades de ensino-pesquisa-extensão; pesquisas dos alunos do Curso de Mestrado em Letras; visitas agendadas pelas escolas para o desenvolvimento de práticas leitoras multimídiais a alunos e professores de escolas de diferentes sistemas de ensino e a estudantes universitários e professores de distintas unidades universitárias; publicações na Série Práticas Leitoras para uma Cibercivilização e na Série Questões; jornal Mundo da Leitura; boletim eletrônico das Jornadas Literárias; fórum de letras para discussões *online*; Programa Mundo da Leitura na TV (programa destinado a crianças e pré-adolescentes entre 8 e 11 anos produzido no Centro de Referência em parceria com a UPFTV e reproduzido no Canal Futura em nível nacional cinco vezes por semana, além de alcançar 150 países onde a RedeGlobo tem TV por assinatura); Boa Leitura (indicação de um livro literário para o Jornal do Canal Futura das sextas-feiras em nível nacional); empréstimo gratuito de sacolas circulantes com 35 livros de literatura cada uma; Mundo da Leitura na Escola, com proposição e execução de práticas leitoras multimídiais em escolas municipais para alunos em situação de vulnerabilidade social; grupo de contadores de

⁵ No início de cada semestre, abrem-se as inscrições para a modalidade de visitas agendadas pelas escolas públicas, privadas e por cursos universitários de Passo Fundo e região.

⁶ As práticas leitoras são ações de leitura promovidas nas visitas agendadas e criadas a partir de um tema gerador anual e desenvolvidas de acordo com a faixa etária da turma visitante. Tais atividades, vivenciadas por alunos e professores envolvendo diferentes linguagens (verbal, musical, dramática, entre outras) em suportes diversos (impresso, CD-ROM, DVDs etc.), têm sido responsáveis por apresentar aos alunos e professores um conjunto de atividades que envolvem a leitura, não só do texto escrito, mas também das diferentes formas de o homem se expressar, bem como dos diversos suportes em que são veiculados os distintos códigos.

histórias; apresentação de mini-espetáculos em caixinhas de madeira; livro do mês; atividades culturais no Largo da Literatura, na praça Armando Sbeghen, em Passo Fundo (RS), onde se encontra o Marco da Capital Nacional da Literatura.

3 Novos autores e obras para também novos leitores

Em virtude de grande parte dos professores e bibliotecários não possuírem o hábito da leitura, como já anteriormente referido, cabe ressaltar, também, que a falta de referenciais é outra grande dificuldade dos educadores. Indagados e instigados pelos alunos, os quais exigem, constantemente, a presença do “novo”, tais educadores não possuem indicações ou são obrigados a apelar a livros pertencentes ao cânone da literatura infantil e juvenil da década de 1970. Não raro, quando questionados acerca das indicações de leitura, a grande maioria menciona as consagradas Ana Maria Machado, Ruth Rocha e Lygia Bojunga. Autores mais novos não são mencionados não por pecarem na qualidade, mas sim devido a um lamentável desconhecimento.

Como os próprios conceitos de infância e de juventude mudam freqüentemente, a produção literária infantil e juvenil deve ser sempre renovada, visto que a criança e o jovem de décadas atrás não têm o mesmo gosto que os de hoje em dia. De acordo com Marisa Lajolo,

Tanto a criança à qual se destina a literatura infantil é uma construção, quanto o jovem ao qual se destina a literatura juvenil é outra construção, igualmente social. E, como construção social resultante, tanto o infantil de uma quanto o juvenil de outra são conceitos móveis: o que é literatura infantil, para um determinado contexto, pode ser juvenil para outro, e vice-versa, infinitamente, incluindo-se, na espiral, também a literatura sem adjetivos. (LAJOLO, 1988, p. 33)

A literatura infantil contemporânea oferece uma nova concepção de texto escrito, aberto a múltiplas leituras, questionamentos e reflexões, transformando a literatura para crianças em suporte para experimentação do mundo. Dessa maneira, as histórias contemporâneas, ao apresentarem as dúvidas da criança em relação ao mundo em que vivem, abrem espaço para o questionamento e a reflexão, provenientes da leitura.

Entre as várias produções infantis e juvenis lançadas maciçamente no mercado brasileiro nos primeiros anos do século XXI, é possível encontrar, entre elas, vários textos instigantes, que fazem cair por terra antigos preconceitos, por não mais pressuporem leitores incapazes, débeis – seres inteiramente insensíveis, desligados, descomprometidos, em suma. Realmente, a produção de livros para crianças e adolescentes no Brasil tem apresentado um crescimento expressivo, percebido na quantidade de títulos publicados anualmente. De acordo com os dados mais recentes da Câmara Brasileira do livro, a produção brasileira é composta, atualmente, de cerca de 5 mil novos títulos ao ano (somando-se a produção infantil e juvenil), e cerca de 20 milhões de exemplares vendidos. É um crescimento que se deve a vários fatores de ordem econômica e política, como o aprimoramento das editoras, as adoções pelas escolas e compras de programas de governo. Não se pode esquecer que o livro infantil é um objeto de consumo; portanto, um produto que circula no mercado e que depende do consumidor adulto, que é o mediador na relação criança – livro. Conforme afirma Turchi,

A literatura infantil e juvenil tornou-se um fenômeno cultural mais amplo que exige uma crítica multidisciplinar capaz de incorporar a tradição folclórica e a pós-modernidade, a ilustração e os meios de comunicação de massa, o imaginário coletivo, ou a recepção individual, a identidade e a multiculturalidade, o tempo real e o tempo virtual, a organização de bibliotecas e a formação de leitores. (TURCHI, 2006, p. 32)

Se a década de 1980 marcou a entrada dos ilustradores no mercado, a década de 1990 trouxe inovações no campo do projeto gráfico e editorial. Com a abertura do país às importações, muitos papéis e materiais gráficos passaram a ser importados e obras foram impressas em países com custos baixos de impressão gráfica. A qualidade gráfica e editorial do mercado tem se aprimorado cada vez mais, em benefício do leitor, com trabalhos assinados por ilustradores como André Neves, Roger Mello e Odilon Moraes. Artistas ou profissionais especializados passaram a ser contratados pelas editoras para cuidar do projeto gráfico da obra. Assim, o livro se configura como uma totalidade de texto, ilustrações e projeto gráfico (a capa, o papel, as guardas, a paginação, a diagramação etc).

Mesmo uma análise superficial da obra comprova que a ilustração é parte constituinte das publicações endereçadas às crianças.

Quando se fala de livros infantis ilustrados, fala-se de obras nas quais a imagem tem uma força narrativa igual ou em muitos casos maior que o texto. Ao lado dos já consagrados Ziraldo, Ângela Lago, Rui de Oliveira, Eliardo França e Eva Furnari, por exemplo, a literatura infantil recentemente produzida no Brasil destacou nomes como os de André Neves, Marcelo Xavier, Roger Mello, Marilda Castanha e Mariana Massarani. Conforme Zilberman,

“[...] nossos autores apresentam-se como inovadores diante de uma tradição sólida que, se lhes oferece modelos, pede igualmente para ser permanentemente desconstruída e reconstruída, conforme um esforço que justifica a leitura deles por todos, hoje e sempre” (ZILBERMAN, 2005, p. 171).

Apenas para citar outros nomes, as crianças, já premiadas com as produções de Ana Maria Machado, Ruth Rocha e Sylvia Orthof, entre outras, hoje se deparam com outros talentos, tais como os de Daniel Munduruku, Reginaldo Prandi, Ricardo da Cunha Lima, Ricardo Silvestrin, Elisa Lucinda, Katia Canton, Leo Cunha, Lia Zatz, Luciana Savaget, Marcelo Xavier, Márcio Vassallo, Spacca, entre outros. Os jovens, por sua vez, se antes já contavam com o talento de Lygia Bojunga, João Carlos Marinho, Marina Colasanti e Pedro Bandeira, por exemplo, hoje podem apreciar, também, as produções infanto-juvenis de Antonio Prata, Mariana Veríssimo, José Roberto Torero, Adriana Falcão, Walcyr Carrasco, Ferréz, Heloisa Prieto, entre outros.

Entretanto, mais do que elencar nomes de representativos autores do gênero literário destinado a crianças e jovens, faz-se necessário ressaltar quais são as características dessa nova produção literária infantil e juvenil no que se refere às inovações que diferem tais obras daquelas produzidas em décadas anteriores. Afinal, quando se afirma que existem inovações, é essencial a verificação de como se manifestam e, principalmente, em que consistem.

Na esteira das produções literárias infantis mais recentes, o trabalho realizado por Daniel Munduruku merece destaque: o autor, que publicou sua primeira obra em 1996, hoje possui mais de 30 livros editados e, além de produzir textos que revelam a vida e as histórias dos indígenas, lidera um movimento de divulgação da cultura dos nativos, como nas obras *Crônicas de São Paulo* (Callis, 2004) e *Histórias de Índio* (Companhia das Letrinhas, 1999).

Outra expressão que, atualmente, tem sido valorizada no mercado editorial e fartamente consumida pelas escolas é a publicação de obras com influências africanas. Com isso, histórias dos negros daqui e da África fazem parte das seleções de leitura dos espaços educacionais. Merecem destaque os contos do autor Joel Rufino dos Santos, como *Gosto de África: histórias de lá e daqui* (Global, 2005) e as histórias de Rogério Andrade Barbosa, que relatam a diversidade de culturas do continente africano, a exemplo de *Como as histórias se espalharam pelo mundo* (DCL, 2002).

A atual produção também garante espaço para a poesia, através de autores como Ricardo da Cunha Lima e Elisa Lucinda. Se esta, em livros como *O órfão famoso* e *Lili, a rainha das escolhas*, ambos editados pela Record em 2002, pertencentes à Coleção Amigo Oculito e ilustrados por Graça Lima, resgata as brincadeiras de adivinhação que sempre fizeram parte do universo infantil através de jogos de adivinhação em forma de poesia, Ricardo da Cunha Lima, em suas obras *Cambalhota* (Companhia das Letrinhas, 2003) e *De cabeça para baixo* (Companhia das Letrinhas, 2000), ilustradas por Mariana Massarani, além de propiciar o contato de crianças com a linguagem poética, inova ao finalizar ambos os livros explicando termos e procedimentos poéticos usados no livro, como verso, estrofe, metonímia, parlenda, além de dar informações sobre a poesia de cordel e a poesia visual.

Outro escritor que, além de se dedicar à prosa, dedica-se também à poesia, é Leo Cunha, que já publicou mais de trinta livros infantis e juvenis. Os talentos do mineiro, no entanto, não se restringem ao texto escrito: o autor, inclusive, já recebeu o Prêmio Jabuti na categoria ilustração. Obras como *O menino que não mascava chiclê* (Paulinas, 1994), *Poemas avoados* (Saraiva, 2004), *Era uma vez um reino de mentira* (Record, 2005) e *O macacão espantado* (Salamandra, 2003) revelam que o toque específico da literatura de Leo Cunha está na maneira como ele organiza o conteúdo semântico em cada obra literária, nos trocadilhos e nos jogos de palavras, ou seja, naquilo que o autor diz diretamente aos leitores sem precisar recorrer a grandes efeitos literários, por meio de representações afetuosas e bem-humoradas.

Quando se afirma que atualmente as obras literárias infantis mantêm um diálogo criativo entre texto, ilustração e projeto gráfico, pode-se citar o exemplo da escritora e professora de história da arte Katia Canton. Em sua obra *Moda: uma história para crianças* (Cosac Naify, 2004), através de um magnífico projeto editorial, impresso a partir

de um original inteiramente feito à mão pela ilustradora Luciana Schiller, resgatam-se distintos modos de se vestir e de se apresentar para o mundo, reveladores do modo de ser de cada época da história da humanidade, provando que a moda vai muito além do universo dos costureiros e artistas famosos. Além da perspectiva histórica, Katia também integra à sua narrativa os universos da arte.

Por sua vez, o pernambucano André Neves, através de um trabalho artístico delicado, que convida a ler e reler, em sua obra *A caligrafia de Dona Sofia* (Paulinas, 2007), através da personagem que dá título ao livro, demonstra como a poesia vai tomando conta da vida de todos, descortinando um mundo repleto de luz e sensibilidade. Imaginem uma senhora aposentada, que mora sozinha e adora ler. Tãmanha era sua paixão pela leitura, como forma de evitar que seus poemas preferidos ficassem escondidos nos livros, resolveu usá-los para decorar as paredes de sua casa. Não satisfeita, quando não mais existia espaço nas paredes, resolveu fazer cartões poéticos para que seu amigo, o carteiro Ananias, distribuísse entre os moradores da cidade. Interessante é que, assim como as paredes da casa de Dona Sofia, o livro também é todo “ilustrado” com diversos poemas de muitos autores, sendo capaz de despertar no leitor o desejo de conhecer mais esse universo de imagens e sonoridades.

A qualidade que permeia essas atuais produções infantis também é característica das obras literárias juvenis, também capazes de revelar a interação da linguagem literária com outras linguagens. Como exemplo, podem-se mencionar as criações mais recentes de José Roberto Torero em parceria com Marcus Aurelius Pimenta. Torero, além de consagrado roteirista e jornalista, foi capaz, através de personagens como Naná, Nuno e Nonô, caminhar pela diversidade étnica e cultural brasileira e resgatar parte da história nacional, sem qualquer vestígio de pedagogismo. Em *Naná descobre o céu* (Objetiva, 2005), por exemplo, a indiazinha guarani que dá título à obra luta pela preservação da cultura de seu povo e o leitor é direcionado ao ano de 1600, no Sul do Brasil, com suas famosas Missões jesuíticas. Em cada livro, um fato histórico é contado, mas sempre sob a ótica infantil.

Heloisa Prieto é também exemplo de escritora que, já consagrada por sua produção literária infantil, em sua obra mais recente, *O imperador amarelo* (Moderna, 2007), realizada em parceria com Paulo

Bloise, revisita os antigos mestres chineses e suas lendas, fábulas e ensinamentos, narrativas curtas bastante significativas e permeadas de elementos fantásticos, de simplicidade e sabedoria.

Assim, as inúmeras obras literárias infantis e juvenis mencionadas são significativas na medida em que revelam os traços dessa nova literatura infantil e juvenil, caracterizada pela elaboração de textos instigantes abertos a múltiplas leituras e reflexões, os quais vão de encontro a antigos preconceitos, possibilitam a interação da linguagem literária com outras linguagens, revisitam e resgatam a história nacional e mesclam as mais distintas representações artísticas. Tem-se, assim, um fenômeno multidisciplinar.

Enfim, através de um diálogo criativo entre texto, ilustração e projeto gráfico e de uma interação de linguagem literária e outras linguagens, a literatura infantil e juvenil atualmente produzida no Brasil tem sido capaz de resgatar a história e de caminhar pela metaficção historiográfica e pelas diversidades étnicas e culturais.

4 Considerações finais

Fica clara, no que diz respeito ao estudo da literatura infantil, a necessidade de se abandonar o pragmatismo caracterizador da fase inicial e destacar-se a literatura emancipadora. Por sua vez, a literatura juvenil também, muitas vezes, não recebe o devido incentivo que merece. Tal incentivo deveria começar, justamente, na divulgação, pelos jornais e revistas de grande circulação, pela internet em *sites* confiáveis, de novas obras, de novos autores e de novos temas. Assim, com maior divulgação como é feita pelo *marketing* de determinados materiais de leitura, a adesão dos leitores mirins ao mundo das letras se tornaria mais fácil.

Outro fator importante é a participação desses pequenos leitores em práticas leitoras multimídiais, onde o envolvimento com o texto literário constitui a parte mais importante da atividade leitora sem desconsiderar o necessário destaque aos textos constituídos por manifestações artístico-culturais que a complementam.

Não se pode omitir o fato de que o interesse pela literatura possa emergir do envolvimento do leitor/espectador com um filme adaptado de um livro, de uma peça teatral baseada em um texto literário, de participação em comunidades *on-line* (*fanfictions*) que debatem determinada obra, determinado autor para a leitura do texto impresso.

O papel da crítica literária é muito significativo: o crítico dos textos literários infantis e juvenis precisam ter familiaridade com os leitores-destinatários e com a produção de ontem e hoje, de obras nacionais e estrangeiras, mas, sobretudo, a devida inserção cultural no contexto social e histórico, conhecendo a produção cultural como um todo. O crítico precisa expressar e debater suas idéias com frequência e ampliar, ao invés de estreitar, sua percepção “infantil” de mundo: incluir mais poesia, mais humor sem ironia amarga, pois a criança não está imune à dor, a perdas e a perplexidades. O infantil não é um traço de uma idade, mas um modo de perceber que repercute sobre o fazer artístico e sobre a condição humana, como um todo.

Além disso, não basta ser professor ou lidar com crianças e jovens para saber o que é bom em literatura infantil e juvenil. É preciso ser leitor, conhecer o que é disponibilizado em bibliotecas bem aparelhadas como centros culturais multimídiais de promoção da leitura, acompanhar a produção recente disponibilizada no mercado editorial por intermédio das livrarias, conhecer, de fato, o traço do infantil e ter alguma informação básica sobre a própria literatura, com as especificações relativas àqueles leitores. Ler ou não ler – eis a questão. Se os professores, educadores, animadores culturais e bibliotecários pretendem assumir a posição de agentes disseminadores da leitura da literatura infantil e juvenil, precisam gostar de ler e têm de ler, para, daí sim, terem condições de incentivar a leitura.

***Abstract:** This article intends, in its first part, to show the origins of children's and youth literature, which in its beginning had a limited function, because it provided models for behavior with the purpose of strengthening social values. After that, we highlight the importance of changing libraries operational model, because they need to provide the consolidation of multimedia cultural centers so that librarians, teachers and educators, aware of their duties, prioritize the reading of qualified texts, capable of developing the critical capacity of children and young people. So as to introduce the writers responsible for the current national literary production dedicated to children and youth, the third topic of the article discusses who these new talents are and some of their most recent works, which expose a new conception of the written text. After all, instead of constantly reading only writers enshrined by the canon, why not to legitimize new works by emergent authors who are also recognized by the criticism?*

Keywords: *Children's literature. Youth literature. Reading. Multimedia cultural centers. Contemporary children's and youth literature authors.*

Referências

ARAÚJO, Alcione. Teatro: educar para sentir, pensar e agir. In: ARAÚJO, Alcione (curadoria) et al. *Proposta de leitura do mundo através da narrativa dramática*. Rio de Janeiro: Argus, 2006.

LAJOLO, Marisa. *A Formação do professor e a literatura infanto-juvenil*. Série Idéias. São Paulo: FDE, v. 5, p. 29-34.

ORTIZ, Fátima. A Linguagem Cênica no Teatro dirigido à Criança. In: LOUR, Enéas & ORTIZ, Fátima. *Cadernos 4 Textos de Teatro para Crianças*. vol.4. Curitiba, s/n (Edição Independente), 1997.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins (Org.); BRANDÃO, Heliana Maria Brina (Org.); MACHADO, Maria Zélia Versiani (Org.). *A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 17-48.

TURCHI, Maria Zaira. Espaços da crítica da literatura infantil e juvenil. In: TURCHI, Maria Zaira (Org.); SILVA, Vera Maria Tietzmann (Org.). *Leitor formado, leitor em formação: a leitura literária em questão*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis, SP: ANEP, 2006, p. 25-33.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. São Paulo: Global, 2003.

_____. *Como e por que ler a literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

BRANCO